



ALÉM DOS RÓTULOS: UMA EXPERIÊNCIA TRANSFORMADORA A PARTIR DAS MENSAGENS DE ÂNGELO.

MÁS ALLÁ DE LAS ETIQUETAS: UNA EXPERIENCIA TRANSFORMADORA A PARTIR DE LOS MENSAJES DE ANGELO.

BEYOND LABELS: A LIFE-CHANGING EXPERIENCE BASED ON ANGELO'S MESSAGES.

*Cinthia de Liz*¹

*Vinicius Bertoncini Vicenzi*²

RESUMO

Este relato de experiência retrata a introdução de um adolescente de pseudônimo Ângelo como auxiliar pedagógico em uma turma de Educação Infantil em um contexto cuja maioria das auxiliares são do gênero feminino. Em uma perspectiva foucaultiana, o texto busca refletir sobre o discurso de uma diretora escolar sobre a presença de Ângelo em uma instituição de educação para crianças pequenas. Busca-se fazer uma análise reflexiva sobre a prevalência de normas e estereótipos de gênero que marginalizam, restringem a diversidade e perpetuam desigualdades, bem como refletir sobre como o poder e as normas sociais influenciam ações e pensamentos, reconhecendo no texto as relações de poder e os discursos normalizantes tidos como “verdades” que circulam pela sociedade, especialmente na área de gênero e sexualidade. Este relato, além de proporcionar uma reflexão, resalta a importância de questionar as relações de poder que sustentam práticas excludentes, buscando por resistência às normas estabelecidas.

PALAVRAS-CHAVE: Sexualidade. Gênero. Biopolítica. Resistência.

RESUMEN

Este relato de experiencia retrata la introducción de un adolescente con el seudónimo de Ângelo como asistente pedagógico en una clase de Educación Infantil en un contexto en el que la mayoría de asistentes son mujeres. En una perspectiva foucaultiana, el texto busca reflexionar sobre el discurso de un director de escuela sobre la presencia de Ângelo en una institución educativa para niños pequeños. Se busca hacer un análisis reflexivo

¹ Mestranda em Educação - Universidade do Planalto Catarinense (UNIPLAC), Lages, SC, Brasil.

² Doutor em Filosofia. Universidade do Planalto Catarinense (UNIPLAC), Lages, SC, Brasil.

sobre la prevalencia de normas y estereotipos de género que marginan, restringen la diversidad y perpetúan las desigualdades, así como reflexionar sobre cómo el poder y las normas sociales influyen en las acciones y pensamientos, reconociendo en el texto las relaciones de poder y las relaciones normalizadoras, discursos tomados como “verdades” que circulan en la sociedad, especialmente en el ámbito de género y sexualidad. Este informe, además de brindar una reflexión, enfatiza la importancia de cuestionar las relaciones de poder que sustentan prácticas excluyentes, buscando resistencia a las normas establecidas.

PALABRAS-CLAVE: Sexualidad. Género. Biopolítica. Resistencia.

ABSTRACT

This experience report describes the introduction of a teenage boy, named here by the pseudonym Angelo, as a teaching assistant in an Early Childhood Education class in a context where most of the assistants are women. From a Foucauldian perspective, this paper seeks to reflect on the discourse of a School Director about the presence of Angelo in an educational institution for young children. It aims to make a reflective analysis of the prevalence of gender norms and stereotypes that marginalize, restrict diversity and perpetuate inequalities, as well as to reflect on how power and social norms influence actions and thoughts, recognizing in the text the power relations and normalizing discourses taken as "truths" that circulate in society, especially in the area of gender and sexuality. This report, beyond providing a reflexive thinking, highlights the importance of questioning the power relations that underpin exclusionary practices, seeking to resist established norms.

KEYWORDS: Sexuality. Gender. Biopolitics. Resistance.

Introdução

Nos caminhos tortuosos das nossas atividades cotidianas nos deparamos, algumas vezes, com episódios que desafiam nossa compreensão e nos convidam a refletir profundamente sobre as dinâmicas de poder entrelaçadas em nossa sociedade. Este relato busca descrever um encontro entre uma diretora escolar e uma professora, na qual aparece uma cena em que questões de gênero, orientação sexual e controle social se entrelaçam em um diálogo desconcertante. Esse episódio, ao mesmo tempo que choca, fornece um ponto de partida intrigante para uma análise crítica, ancorada nas ideias de Michel Foucault sobre norma, poder e resistência.

A narrativa aqui apresentada envolve uma diretora escolar e sua abordagem peculiar ao introduzir um adolescente de gênero masculino para atuar como auxiliar/estagiário em uma turma de crianças pequenas da Educação Infantil de um município do interior de Santa Catarina. Desenha um panorama no qual as relações de poder se entrelaçam de maneira sutil, porém impactante, no contexto educacional. Ao

explorar as nuances desse episódio, destaco como as percepções e práticas da diretora refletem uma interseção complexa entre gênero, sexualidade, poder, controle e preconceitos sociais.

Foucault, em sua análise sobre os dispositivos de poder nos convida a desvendar as maneiras pelas quais o poder se manifesta não apenas como um ato de dominação, mas também como uma rede intrincada de estratégias de controle e condução da vida em sociedade. As ideias do filósofo pós-estruturalista nos instigam a questionar as normas instituídas, a desconstruir os discursos que permeiam a nossa realidade e a explorar as nuances que moldam as experiências individuais e coletivas.

Neste contexto, este trabalho pretende compreender como as palavras da diretora escolar encontram eco nas reflexões foucaultianas sobre norma, poder e resistência, evidenciando, também aspectos biopolíticos do governo dos corpos masculinos e femininos. Ao analisar essa situação à luz das concepções do filósofo, desvenda-se como o poder se insinua na existência humana, influenciando as práticas e tomadas de decisões. Explorar as complexidades dessa interação singular não apenas nos permitirá entender as dinâmicas em jogo, mas também nos levar a uma análise mais ampla das estruturas de poder que permeiam nossas escolas e, em última instância, nossa sociedade.

Ao longo deste trabalho mergulharemos na análise das relações de poder apontadas por Foucault, entrelaçando como este conceito está diretamente relacionado à frase dita pela diretora e nos discursos normalizantes que circulam em nossas instituições de ensino e na sociedade em geral.

Desafios e estereótipos: a inserção de Ângelo e as complexidades de gênero na educação infantil

É uma prática recorrente em algumas redes municipais de ensino a contratação temporária de adolescentes, em sua maioria estudantes do Ensino Médio, com faixa etária entre 16 e 18 anos, para atuarem como auxiliares/estagiários pedagógicos em turmas da Educação Infantil. A maioria dos estudantes que procuram esta experiência são do gênero feminino. Raramente encontram-se auxiliares estagiários do gênero masculino. O próprio número de docentes masculinos atuantes nesta área é reduzido, conforme demonstramos no gráfico 1 do Censo Escolar de 2017, reproduzido mais abaixo. As funções determinadas a estes adolescentes no ambiente escolar é a de auxiliar as professoras nos atendimentos às crianças quanto aos cuidados diários e atividades pedagógicas.

Dito isso, trago como relato de experiência uma vivência que tive com um adolescente ao qual darei o pseudônimo de Ângelo. Esse pseudônimo foi escolhido de forma que traduzisse a relação estabelecida entre mim e Ângelo. De acordo com o site *Dicionário de nomes próprios* o nome Ângelo “tem origem a partir do grego *Áγγελος*, palavra que significa ‘mensageiro’”. Sendo assim, a simples presença de Ângelo em uma turma escolar de Educação Infantil já traz uma mensagem que foge aos padrões estabelecidos pela sociedade e que nos leva a repensar sobre o fato de porque muitos meninos não demonstram interesse por este campo do saber e, por consequência, de trabalho.

Ângelo foi apresentado a mim por uma diretora escolar, com o seguinte discurso: “*Professora, vim te perguntar se você aceita um auxiliar menino?*”. Respondi com outra pergunta: Por que não aceitaria? A diretora continuou: “*Ai, professora, porque, assim... ele é um menino né, embora eu ache que seja gay. Ele já foi meu aluno e tinha todos os trejeitos, e daí, assim, os pais podem estranhar, reclamar e eu pensei em você e sua turma por os seus*” se referindo às crianças, “*já saberem ir ao banheiro. Daí ele não vai precisar fazer trocas e ficar limpando as partes íntimas das meninas.*” Completa, ainda, com a seguinte orientação: “*e, assim, professora, as crianças que precisarem de auxílio para se limpar, você acompanha no banheiro e deixa ele mais cuidando da turma para evitarmos comentários dos pais.*”

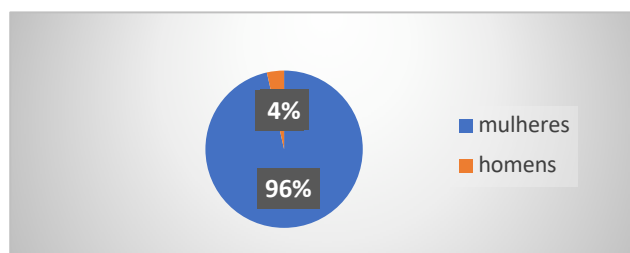
Achei um absurdo a fala da diretora. No entanto, não a questionei sobre suas opiniões e também não expus a minha opinião contrária. Minha reação naquele momento foi a falta de reação. Embora meus pensamentos estivessem gritando mantive a postura de uma professora calma, que nada questiona.

Ângelo não estava presente naquele momento. Mal sabia que entrara em um campo já minado de preconceitos, estabelecidos pelas falas da diretora. No entanto, mal sabia, também, que consigo estava trazendo o que chamo aqui de “*mensagens de pensamento*”. Em minha visão, Ângelo traz consigo muitas mensagens que, embora não ditas por ele, mas carregadas no que a diretora chamou de “*trejeitos*”, nos levam a uma reflexão crítica sobre essas normas e estereótipos atribuídos a ele quando inserido em uma escola de Educação Infantil. A fala da diretora determina, ou ao menos pressupõe, ser esse espaço um campo destinado a mulheres, ou seja, a presença de Ângelo ali foge aos padrões estabelecidos.

Ângelo: o mensageiro de gênero e sexualidade

Segundo Azevedo (2017), em reportagem do site UOL sobre o Censo Escolar de 2017, estudo mais atualizado da população escolar, “há hoje 575 mil docentes na educação infantil brasileira, sendo 554 mil mulheres e 21 mil homens. Quer dizer, para cada professor homem numa creche ou sala de pré-escola, há 26 mulheres”.

Gráfico 1: Docentes por gênero na Educação Infantil



Fonte: Elaborado pela pesquisadora (2023)

A diferença estatística na composição de gênero dos docentes na Educação Infantil, apresentada neste gráfico, mostra como aspectos biopolíticos de uma subjetivação de corpos masculinos e femininos está em curso quando pensamos os seus direcionamentos profissionais no campo da educação. As normas e estruturas sociais regulam a participação de diferentes grupos na sociedade e moldam a forma como os indivíduos são percebidos e tratados com base em suas características de gênero. Portanto a predominância de mulheres como docentes neste campo específico pode ser vista como parte de um sistema mais amplo de controle e regulação, no qual as normas e discursos sociais determinam o modo como os corpos devem agir, o que inclui a divisão tradicional de papéis de gênero.

Ao relacionarmos este entendimento ao fato, no caso a frase dita pela diretora, podemos perceber a atuação do poder normativo conduzido pelo discurso predominantemente machista e LGBTQIA+fóbico. A expressão “*porque, assim... ele é um menino*” incide em normas que determinam comportamentos e expectativas específicas para os meninos, destacando a influência dos papéis de gênero e normas sociais na forma como a vida é regulada e controlada, visando estabelecer e manter normas e padrões socialmente aceitos.

Em um contexto em que a maioria dos profissionais são auxiliares mulheres a simples presença masculina é muitas vezes estigmatizada ou associada à homossexualidade, como podemos perceber quando a diretora diz: “*embora eu ache que*

ele é gay”. Segundo ela, “*tinha todos os trejeitos*”. Foucault em *Microfísica do poder* (1998), analisa como o sujeito contemporâneo, na cultura ocidental, se constitui atravessado, principalmente, pelas questões da sexualidade, pela *verdade do sexo*. Denuncia sua intenção de investigar como as concepções e as práticas em torno da sexualidade estão entrelaçadas com a produção de conhecimento e os mecanismos de poder quando reflete em:

[...] como se explica que, em uma sociedade como a nossa, a sexualidade não seja simplesmente aquilo que permita a reprodução da espécie, da família, dos indivíduos? Não seja simplesmente alguma coisa que dê prazer e gozo? Como é possível que tenha sido considerada como lugar privilegiado em que nossa “verdade” profunda é lida, é dita? Pois o essencial é que, a partir do cristianismo, o Ocidente não parou de dizer “Para saber quem és, conheças teu sexo.” (FOUCAULT, 1998, p. 229)

A existência de condutas de gênero e de sexualidade regulam as práticas e operam através de dispositivos sociais, como a educação, a família e a cultura, que promovem expectativas e estereótipos de gênero. A estigmatização dos homens que trabalham nesse campo, como “gays”, exemplifica a atuação do poder para classificar e marginalizar aqueles que não se enquadram nos padrões sociais aceitos. Essas normas e estereótipos são construções sociais e históricas, e não correspondem a verdades fixas.

Giorgio Agamben, em seu livro *Homo Sacer: O poder soberano e a vida nua* (2007), aborda a biopolítica como uma forma de poder que se baseia no controle e na gestão da vida humana em sua dimensão biológica, argumentando que a biopolítica pode levar à exclusão, à violência e à opressão, uma vez que certos grupos de pessoas são considerados como vidas descartáveis ou sacrificáveis em nome do bem-estar da população.

O termo “*vida nua*”, utilizado por Agamben, refere-se a uma vida humana reduzida à sua dimensão biológica, privada de sua dimensão política e social. Ao relacionarmos as frases ditas pela diretora, citadas acima, com a concepção de biopolítica de Foucault e de Agamben, nota-se como as normas de gênero e as expectativas sociais associadas a Ângelo são a chave de poder que regula a vida das pessoas, moldando suas identidades, comportamentos e oportunidades. A biopolítica se estende, assim, ao controle das populações por meio da regulação das normas de gênero e da imposição de certos modelos de masculinidade e de feminilidade que atingem, inclusive, o que compreendemos como profissões de um ou de outro gênero.

Na perspectiva foucaultiana, a regulação dos poderes binários de conduta de gênero é compreendida como um processo complexo e multifacetado, enraizado na sociedade e nos mecanismos de controle que permeiam a vida cotidiana.

A regulação dos poderes binários de conduta de gênero acontece através de controles sutis de normalização e exclusão. A população internaliza normas de gênero desde cedo, por meio de discursos presentes na mídia, na educação e nas situações do dia a dia. Essas normas estabelecem expectativas específicas sobre como homens e mulheres devem se comportar, vestir-se, falar e agir.

No entanto, uma perspectiva foucaultiana também nos revela que a população não é simplesmente passiva diante dessas normas. As estratégias de resistência, subversão e redefinição também fazem parte desse cenário. Aqueles que estão submetidos aos poderes binários de conduta de gênero muitas vezes encontram maneiras de desafiar essas normas, seja por meio de pequenos atos de transgressão ou de movimentos mais amplos de luta pela igualdade de gênero. De fato, na perspectiva de Foucault, esses atos de transgressão ou de luta só podem ser compreendidos a partir da produção que o espaço das próprias relações de poder provoca, produzindo outras possibilidades de ser e de dizer. O poder não é, assim, apenas restritivo, mas também produtivo. A simples presença de Ângelo já provoca, produz, explicita os limites da normalização da docência na Educação Infantil como um espaço de “mulheres”.

Outro ponto que nos choca na frase dita pela diretora diz respeito à atribuição da escolha de minha turma, alegando evitar que o adolescente precise lidar com a higiene íntima das crianças. Ao expressar explicitamente como motivo o fato de “*Já saberem ir ao banheiro, daí ele não vai precisar fazer troca e ficar limpando as partes íntimas das meninas*”, reflete estereótipos de gênero e uma visão limitada sobre as questões de abuso sexual. Sabemos que a violência e/ou o abuso sexual é uma questão complexa que não pode ser generalizada com base no gênero. Contudo, interpretando a situação, parece que a preocupação da diretora não é primordialmente focada na prevenção do abuso sexual, mas, sim, na reação dos pais diante da perspectiva de um adolescente do gênero masculino interagindo com seus filhos pequenos e vulneráveis, uma vez que ela posteriormente enfatiza a importância de *evitar comentários dos pais*. Sugere, assim, uma certa interiorização da própria ideia de vigilância, tal qual um panóptico, traduzindo normas sociais vigentes em frases que dão forma ao que é considerado comportamento adequado ou inadequado no ambiente escolar, especialmente em relação ao contato com os corpos.

Portanto, entendo que, por trás da fala da diretora, em uma perspectiva foucaultiana existe uma complexa teia de percepções de gênero, resultante das normas sociais arraigadas que ditam papéis de gênero específico, cujos homens muitas vezes não são associados ao cuidado ou à educação de crianças pequenas. Tais percepções influenciam a maneira como as pessoas interpretam situações e interações aparentemente cotidianas. Além do mais podemos relacionar a preocupação da diretora ao fato de ela mesma se sentir desconfortável ou surpresa ao ver um adolescente do gênero masculino envolvido na educação infantil.

É interessante perceber como é o campo da sexualidade que nos evidencia a normatização dos desejos e comportamentos, sujeita a padrões e regras impostos pela cultura e pela sociedade. É nesse contexto que Foucault (1998) analisa as micro-relações de poder, destacando como elas permeiam até mesmo os aspectos mais íntimos e pessoais da vida humana. Como podemos perceber quando Foucault argumenta que:

Esses terríveis regimes disciplinares que se encontram nas escolas, nos hospitais, nas casernas, nas oficinas, nas cidades, nos edifícios, nas famílias... E depois, a partir dos anos sessenta, percebeu-se que este poder tão rígido não era assim tão indispensável quanto se acreditava, que as sociedades industriais podiam se contentar com um poder muito mais tênue sobre o corpo. Descobriu-se, desde então, que os controles da sexualidade podiam se atenuar e tomar outras formas... Resta estudar de que corpo necessita a sociedade atual... (FOUCAULT, 1998, p. 148)

A instrução da diretora para "*deixar ele mais cuidando da turma*" implica em uma autoridade em que a responsabilidade de Ângelo fica limitada a supervisionar a turma, enquanto a professora assume o papel de cuidar da higiene íntima. Essa distribuição desigual de responsabilidades relacionados ao gênero reflete as estruturas de poder hierárquicas presentes na sociedade e limita o potencial de autonomia e igualdade para todos os envolvidos. Assim, percebe-se que as noções de gênero e sexualidade são construções sociais e históricas que operam por meio de controle e normatização. Foucault questiona essa visão binária e normativa de gênero.

Miskolci (2017, p. 60) argumenta que “a pirâmide da respeitabilidade sexual mudou e não pode mais ser compreendida de forma fácil, esquemática ou binária”. E que, portanto, “as demandas de normalidade atingem as pessoas para muito além do binário hetero-homo”. Miskolci (2017) traz ainda a orientação de que:

[...] temos que olhar mais criticamente para as representações culturais com as quais vivemos, nos divertimos e também aprendemos. Poderíamos tentar

inserir ruído, inserir dúvida sobre coisas que antes ainda eram vistas como naturais ou indiscutíveis. (MISKOLCI, 2017, p. 61)

Desta forma Miskolci (2017) enfatiza a importância de questionar e analisar de forma crítica as ideias, valores e estereótipos que são transmitidos pela cultura em que estamos imersos. Muitas vezes aceitamos como naturais ou indiscutíveis certas concepções ou padrões que são socialmente construídos. Essas representações culturais podem moldar nossas crenças e comportamentos, influenciando a maneira como vemos a nós mesmos e aos outros.

No entanto, Miskolci (2017) sugere que devemos inserir “ruído” e “dúvida” nesse processo. Isso significa questionar e desafiar as noções protegidas, desestabilizando as ideias preconcebidas e os estereótipos arraigados. Ao fazer isso, abrimos espaço para uma visão mais crítica e reflexiva, permitindo que reconheçamos e desafieemos as estruturas de poder e as desigualdades presentes nas representações culturais.

Ângelo: o mensageiro das relações de poder e de resistência

A presença de Ângelo na escola de Educação Infantil, aliada às reflexões suscitadas pelas falas da diretora, me fez reavaliar profundamente minha própria postura diante desse discurso. Minha escolha de “calar” naquele momento, se olharmos em retrospecto, se encaixa no que Foucault define como certos dispositivos das relações de poder, nos quais a dinâmica hierárquica discursiva entre a diretora e eu prevaleceu sobre minha própria perspectiva.

Ninguém está imune às dinâmicas do poder, e nenhum indivíduo detém um controle absoluto sobre ele. Em outras palavras, não existe uma dicotomia fixa de dominador e dominado. Todos participamos tanto como agentes que exercem poder quanto como sujeitos sobre os quais o poder é exercido. Isso implica uma constante negociação e reconfiguração do poder entre os diversos atores sociais, permeando os micro-espacos das relações cotidianas. Tais relações de poder não são passíveis de negociação e exercem influência sobre os corpos e as subjetividades individuais.

[...] se o poder só tivesse a função de reprimir, se agisse apenas por meio da censura, da exclusão, do impedimento, do recalçamento, à maneira de um grande super-ego, se apenas se exercesse de um modo negativo, ele seria muito mais frágil. Se ele é forte, é porque produz efeitos positivos a nível do desejo – como se começa a conhecer – e também a nível do saber. (FOUCAULT, 1998, p. 148)

Nesse cenário, o poder se manifesta através de mecanismos de vigilância, controle e normalização, muitas vezes restringindo nossa liberdade de ação e pensamento. Em um contexto em que desafiar a autoridade da diretora, ou sua visão predominante, pode trazer consequências negativas, como retaliações ou mesmo exclusões, simples questionamentos podem ficar silenciados.

As relações de poder criam um campo complexo de possibilidades e limitações, moldando nossa liberdade de agir e de pensar. Como apontado por Rocha e Fernandes (2014):

O estudo das relações de poder, em contexto escolar, [...], só é possível por um ‘olhar dual’ sobre a organização em suas vertentes formal e informal e tendo em conta os condicionalismos burocráticos, certamente, mas também as ‘possibilidades’ ambíguas e políticas de atuação. (ROCHA; FERNANDES, 2014, p. 172)

Rocha e Fernandes (2014, p. 178) cujas ideias são embasadas nas reflexões de Foucault, argumentam ainda que “uma das ideias básicas da pedagogia crítica, advinda, aliás, das chamadas ‘teorias da resistência’”, consiste em centralizar a análise sociológica na ação dos “atores sociais” e em suas habilidades para abraçar, contrapor-se ou interagir com a “dinâmica estrutural” que permeia tanto os ambientes escolares quanto a sociedade. Argumentam, ainda, que esta abordagem se torna especialmente relevante, uma vez que o exercício do poder transcende a mera dominação, incorporando também atos de resistência.

Assim, as discussões apontadas por Rocha e Fernandes (2014) sobre a natureza burocrática da escola, a presença de lideranças informais, as margens de autonomia dos atores educativos e as possibilidades de resistência e transformação dentro das dinâmicas de poder contribuem para uma compreensão mais completa e rica das complexidades que ocorrem no contexto escolar. Ou seja, as múltiplas formas de poder que interagem nestes ambientes enriquecem nossa compreensão da escola como uma realidade que possui características variadas e peculiares que não podem ser tomadas de forma superficial.

A consciência das dinâmicas de poder pode levar os atores educativos a explorarem essas “possibilidades ambíguas”, encontrando maneiras de agir e de resistir estrategicamente para criar mudanças organizacionais, mesmo dentro das limitações burocráticas. Entende-se, então, que surge resistência quando nos tornamos conscientes desses dispositivos e buscamos contestar ou reconfigurar as relações de poder que nos cercam. Assim, creio ser possível considerar, inclusive, esse “ato de repensar” sobre o “ato de calar” como um ato de “resistência”.

Ângelo, mesmo sem palavras, se tornou, portanto, um agente de resistência ao carregar essas “mensagens de pensamento”, fecundas, ao menos, a essa professora que aqui escreve. Sua presença desafiou os estereótipos de gênero arraigados na escola de Educação Infantil, contribuindo para uma compreensão mais rica e diversificada dos papéis de gênero na sociedade e na educação.

Esse ato de resistência ganha ainda mais força quando confrontado com a estatística apresentada, segundo a qual a maioria dos docentes na Educação Infantil é composta por mulheres. A presença de Ângelo, como um dos poucos homens naquele ambiente, serviu como uma poderosa forma de desafiar os padrões e provocar que a diversidade de gênero deve ser valorizada e encorajada em todas as esferas da sociedade, incluindo a educação.

Ângelo, apesar de tudo, foi bem recebido pela turma, pois as crianças identificaram nele um indivíduo alegre, divertido, brincalhão. Eu pude reconhecer em Ângelo alguém ativo, altamente dedicado e responsável, que desempenha todas as suas tarefas com carinho, zelo e respeito por todos que habitavam aquele ambiente. Além disso, ao desempenhar suas responsabilidades com dedicação e carinho, Ângelo desafiou as fronteiras de gênero, mostrando que homens também podem ser cuidadores e promotores de bem-estar para as crianças pequenas e bem pequenas.

Não questionei Ângelo sobre se ele notou ou sentiu qualquer forma de preconceito na escola. Apesar disso, em algumas ocasiões, observei risos e comentários maldosos disfarçados de "brincadeira" quando Ângelo não estava presente. No entanto, nossa dedicação às responsabilidades pedagógicas nos absorveu tanto que as ações profissionais de Ângelo revelaram gradualmente todo o seu potencial. Nossa jornada, com a sua presença, resultou em uma valiosa transformação no ambiente educacional. Seu corpo masculino, naquele espaço, desconstruiu estereótipos, abriu caminhos para um olhar além das limitações impostas pelas normas sociais nas quais a expressão da diversidade não é apenas aceita, mas celebrada.

Ângelo trabalhou conosco o ano todo e demonstrou interesse em trabalhar na escola no ano seguinte, porém encontrou um outro trabalho mais bem remunerado, vindo vez ou outra nos visitar. Durante o ano que esteve conosco Ângelo não só *cuidou* das crianças, como a diretora havia sugerido, mas também auxiliou, sim, na higiene íntima das crianças. Quanto à diretora, não sei se, alguma vez, repensou sobre o conceito pré-atribuído a Ângelo. Embora nunca tenha feito comentários contrários ao inicial, também não fez mais comentários como aqueles. Quanto aos pais, nenhum expressou nenhum tipo

de oposição à presença de Ângelo e, ao fim do ano, expressaram gratidão a todo carinho e atenção que observaram, segundo os relatos das crianças em casa.

A presença de Ângelo como um auxiliar masculino na Educação Infantil modificou a forma de pensar, não só minha, como de muitas pessoas daquele ambiente escolar, e também alterou, ao menos em parte, a percepção da diretora. Além disso, a presença desse corpo masculino no espaço da Educação Infantil “produziu” diversas transformações no ambiente educacional. Desafiou estereótipos de gênero arraigados, rompendo com a ideia de que apenas mulheres são responsáveis pelo cuidado e higiene íntima das crianças. Isso levou à desconstrução dessas normas e à abertura para uma maior diversidade de papéis de gênero no ambiente educacional. Contribuiu, também, para repensar as possibilidades de identidades de gênero e modelos de referência, mostrando que os homens também podem desempenhar papéis tradicionalmente associados às mulheres, desestabilizando verdades.

A experiência de trabalhar com Ângelo me levou a uma reflexão sobre os preconceitos e pré-conceitos atribuídos a auxiliares masculinos na Educação Infantil. Ao observar a dedicação, a responsabilidade e o carinho demonstrados por Ângelo algo em mim mudou. Pude repensar esses estereótipos, bem como as formas em que posso proporcionar uma maior valorização das capacidades individuais independentemente do gênero.

Ângelo reforçou a importância da expressão da diferença no ambiente educacional. Sua presença permitiu desenvolver uma consciência maior da necessidade de atender e confrontar a diferença, promovendo um ambiente mais inclusivo e acolhedor. Portanto, Ângelo não apenas desempenhou o papel de um auxiliar na Educação Infantil, ele se tornou um catalisador de mudanças, uma voz silenciosa de resistência que ecoou por todo o ambiente escolar, desafiando, questionando normas e inspirando uma transformação mais profunda.

Considerações Finais

Consideramos, assim, importante estarmos atentos a essas dinâmicas e discursos excludentes a fim de questionar as normas e expectativas que nos são impostas. Isso nos encoraja a analisar criticamente as normas e estereótipos presentes em nossa cultura, buscando identificar e desafiar estas “verdades” preestabelecidas.

Deste estudo emerge uma profunda interconexão entre as reflexões sobre os dispositivos de poder e aspectos biopolíticos presentes na frase preconceituosa proferida

pela diretora e a presença de Ângelo como uma mensagem silenciosa de resistência e transformação no contexto da Educação Infantil. Ao explorarmos as complexas dinâmicas de poder e controle presentes na sociedade, nos deparamos com a força com que normas sociais e expectativas atuam sobre nossas ações e reações. A frase preconceituosa da diretora exemplifica como tais discursos excludentes perpetuam as hierarquias de gênero e sexualidade, exercendo um controle sutil, mas penetrante sobre nosso comportamento.

A entrada de Ângelo neste cenário desencadeia uma análise crítica das “mensagens de pensamento” que carrega consigo. Sua presença desafia as normas restritas, cumprindo um papel simbólico de resistência. Através dessa resistência silenciosa, Ângelo atua como um agente de transformação, abrindo espaço para a reconstrução de significados sobre os papéis de gênero e de sexualidade.

A experiência de reflexão, análise e pesquisa que este relato proporcionou ecoa na importância de questionar e desconstruir as “verdades” preestabelecidas. A interação com Ângelo e o processo de escrita deste estudo provocam-me uma consciência crítica em relação ao poder, às pressões sociais e às normas que moldam o nosso padrão. Deixo aqui registrado que a minha jornada como professora e pesquisadora é marcada por constantes transformações, iniciada em um compromisso renovado com a promoção da diversidade e a luta contra as desigualdades.

A compreensão central deste estudo é que a presença de Ângelo, a frase preconceituosa e as reflexões sobre o poder e a biopolítica convergem em uma chamada à ação, a qual nos convoca a repensar e a discutir a construção de estereótipos, suas ramificações nas vidas das pessoas e as estratégias para desconstruí-los. Nesse sentido, este relato não apenas analisa, mas também almeja inspirar mudanças, destacando a necessidade de uma sociedade mais inclusiva, igualitária e consciente das complexas relações de poder que a permeiam.

Ao final desta jornada, ao buscar finalizar essa escrita desse relato, ainda me deparo com a figura de Ângelo. Sua presença parece transcender seu papel na Educação Infantil. Ela se torna um símbolo de resistência e transformação, uma força motriz para a promoção de um futuro mais igualitário e diversificado. Este relato, assim, aspira a ser uma contribuição para a discussão contínua sobre a desconstrução de estereótipos e sobre a criação de uma sociedade que celebra a riqueza da diferença e valoriza a igualdade de direitos em todas as suas manifestações.

Referências

- AGAMBEN, Giorgio. *Homo Sacer: o poder soberano e a vida nua*; Tradução de Henrique Burigo. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007.
- ÂNGELO. *Significados dos nomes*, 2023. Disponível em <https://www.dicionariodenomesproprios.com.br/angelo/> Acesso em: 02/07/2023
- AZEVEDO, Guilherme. *Educação infantil é lugar de homem? Eles mostram que sim*. Educação Uol, 2017. Disponível em: <https://educacao.uol.com.br/noticias/2017/09/02/educacao-infantil-e-lugar-de-homem-eles-mostram-que-sim.htm?cmpid=copiaecola&cmpid=copiaecola>. Acesso em: 02/07/2023
- FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade I: A vontade de saber*, Tradução de Maria Tereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro, Edições Graal, 1988.
- FOUCAULT, Michel. *Nascimento da Biopolítica: curso dado no Collège de France (1978-1979)*; edição estabelecida por Michel Senellart; sob a direção de François Ewald e Alessandro Fontana; tradução Eduardo Brandão; São Paulo: Martins Fontes, 2008.
- FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir: nascimento da prisão*; tradução de Raquel Ramallete. Petrópolis, Vozes, 16 ed. 1997
- FOUCAULT, Michel; *Microfísica do poder*. Organização e tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Ed Graal, 13 ed. 1998.
- MISKOLCI, Richard. Um aprendizado pelas diferenças. In: MISKOLCI, Richard. *Teoria Queer: um aprendizado pelas diferenças*. Belo Horizonte: Autêntica, 2017. Cap. III, p. 55-83, (E-book).
- ROCHA, Maria Custódia Jorge; FERNANDES Amália Gonçalves. *As relações de poder na escola pública: um estudo de caso*. Práxis Educativa, Ponta Grossa, v. 9, n. 1, p. 167-195, jan./jun. 2014. <https://doi.org/10.5212/PraxEduc.v.9i1.0008>

Recebido em setembro de 2023.
Aprovado em junho de 2024.